



As crônicas de Rubem Alves

Wanilda Lima Vidal de Lacerda

Universidade Estadual da Paraíba

PALAVRAS-CHAVE: RUBEM ALVES, CRÔNICAS, POESIA, EXISTÊNCIA.

KEYWORDS: RUBEM ALVES, CHRONICLES, POETRY, EXISTENCE.

INTRODUÇÃO

A crônica, por sua própria etimologia, *chronus*/crônica, guarda vinculação com tempo, tempo passado, consubstanciado no texto. Geralmente, é um pequeno texto em prosa que aparece em jornais e revistas, daí o seu caráter efêmero. Narrada em primeira pessoa, é o gênero mais confessional que existe; a crônica permite ao narrador, (seu próprio autor) dialogar mais livremente com o leitor, num ritmo mais leve, cuja linguagem pode envolver poesia, lirismo, fantasia. Jorge de Sá (1985:5) a define como o registro do circunstancial e Antonio Candido¹(1979-80:5) diz:

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

¹ Este mesmo texto encontra-se em: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa

Em sua obra, *Teoria do Texto: prolegômenos e teoria da narrativa*, Salvatore d’Onofrio (1999) estabelece a distinção entre os vários tipos de crônica, destacando que a crônica literária é produzida por poetas e ficcionistas que, embora tenham como referencial a realidade do dia a dia, transformam-na, graças à força criadora da fantasia. Em consequência, segundo ele, “as crônicas são ou poemas em prosa, ou pequenos contos, dependendo do pendor do autor para o gênero lírico ou narrativo” (ibid. p.123). Afrânio Coutinho (1971:110) diz: “[...] é certo que ela somente será considerada gênero literário quando apresentar qualidade literária, libertando-se de sua condição circunstancial pelo estilo e pela individualidade do autor”.

No Modernismo, grandes escritores escreveram crônicas literárias, entre eles: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Raquel de Queiroz, Fernando Sabino, Carlos Heitor Cony, Cecília Meireles, Clarice Lispector.

O ESCRITOR E A CRÔNICA

O escritor de que vamos tratar, Rubem Alves, é mineiro, mas radicado, há muitos anos, em Campinas-SP. É reconhecido pedagogo, professor emérito da Unicamp, filósofo e psicanalista, autor de vários livros infantis como: *A boneca de pano; A menina e a pantera negra; A toupeira que queria ver o cometa; O gambá que não sabia sorrir; O país dos dedos gordos; A menina e o pássaro encantado* etc. e de inúmeras crônicas, em sua maioria publicadas no jornal Correio Popular de Campinas e na Folha de São Paulo, as quais posteriormente foram incluídas em livros, entre eles: *O retorno e terno; Sobre tempo e eternidade; Cenas da vida; Estória de quem gosta de ensinar; Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação; Educação dos sentidos e mais...; As cores do crepúsculo; Navegando; Na morada das palavras; Quarto de badulaques; Mais badulaques* etc. No entanto, o nome de Rubem Alves, como o de outros cronistas da atualidade, Lya Luft, Diogo Mainardi, Arnaud Jabour não está incluído entre os autores da crônica literária brasileira.

Em seus textos, Rubem Alves aborda uma diversidade de assuntos do cotidiano: Deus, felicidade, educação, ideologia, morte solidão, sexo etc., mas um fato nos chama a atenção, é que qualquer que seja o lugar em que ele se coloca, prevalece o do professor, preocupado não apenas em informar, mas, principalmente, em formar.

Em abril de 2007, a UNICAMP, sob a organização da Profª Liris Delma realizou um Encontro: A poética de Rubem Alves. Na ocasião, falando sobre as crônicas desse autor, o Prof. Severino Barbosa abordando alguns aspectos do pensamento pedagógico nelas

apresentados associou-o a uma poética romântica, uma vez que “valoriza mais o afeto do que o raciocínio lógico, valoriza mais a imaginação do que as informações, valoriza mais a intimidade dos vários mundos que existem dentro de nós, do que a utilidade, a funcionalidade; valoriza mais a centelha intuitiva do que a elaboração cartesiana”. Seria, portanto, uma concepção neo-romântica. A sua tese de educar os sentidos e os sentimentos seria a descoberta de muitos mundos dentro de cada um de nós e no mundo.

Destacamos, para objeto de comentários, entre as inúmeras crônicas por ele escritas: “O homem deve reencontrar o Paraíso...” que se encontra inserida no livro *Entre a ciência e a sapiência* (2000); “A arte de ver” que faz parte de *Educação dos sentidos e mais...* (2005); “Sobre a morte e o morrer” que se encontra *Na morada das palavras* (2003). Seleccioná-las e analisá-las representa a tentativa de mostrar a capacidade desse autor em tornar o relato do circunstancial um texto repleto de poesia, de reflexões, o transbordamento de sua alma de artista extasiada diante do que a vida nos apresenta, tomando a ideia de Coutinho (1971:120) nas palavras proferidas, sobre a crônica de outro grande cronista brasileiro, Rubem Braga.

Em “O homem deve reencontrar o Paraíso...”, o autor narra a estória de uma grande e unida família, que cansada da vida na cidade grande, metaforicamente se considerava “moscas presas na enorme teia de aranha que é a vida da cidade”, resolve navegar. Para isso foi necessário todo um planejamento e um longo aprendizado. Cada um se especializou em algo relativo à navegação. No final, veio a pergunta: Para onde ir? Compreenderam que a escolha do destino era difícil; era necessário conciliar as diversas sugestões, o gosto de cada um. “Se os barcos se fazem com ciência, a navegação se faz com sonhos” (Alves, 1999:74).

Este fato pode ser considerado um exemplo ilustrativo de seu modo de relativizar a ciência, de emitir opinião crítica sobre o que ocorre na educação em nossos dias. Uma educação cada vez mais preocupada com o pragmatismo da tecnologia, com o objetivismo da ciência e suas especificidades em que “a galera navega em direção ao progresso, em velocidade cada vez maior” (ibid.: 75) sem que ninguém questione a direção. Salta aos olhos que para a ciência e a tecnologia o mais importante é a produção e o seu funcionamento. As consequências desse tipo de educação só o tempo mais tarde poderá encontrar respostas.

Como costuma ocorrer em suas crônicas, ele cita vários autores que fundamentam suas ideias. No caso desta crônica, especificamente, ele cita o poeta C. Wright Mills e o sociólogo Karl Mannheim quanto ao rumo das ciências e das tecnologias, e diz ser seu sonho para educação o que foi dito por Bachelard: “O universo tem um destino de felicidade. O homem deve reencontrar o Paraíso” (ibid.:77) A tarefa do professor, em sua opinião, seria, portanto, “sonhar com seus alunos sonhos de um Paraíso”. O sonho é, portanto, visto não

como algo alienante, ou de fuga da realidade, mas algo construtivo, criativo. Ele explica ao leitor a concepção de Paraíso: um jardim, um lugar de alegrias, prazeres e felicidades. A educação, vista desta maneira, seria algo possível, ela seria o instrumento de construção de um mundo mais belo, mais feliz.

Podemos considerar este texto utópico? – Sim, no sentido de que ainda não existe este tipo de educação, mas precisa existir. Esta utopia está dentro de nós em forma de esperança em um mundo melhor e mais humano, com mais respeito à natureza e à vida.

Vale ressaltar que Rubem Alves, no seu livro: *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir* (2001), se refere à Escola da Ponte: uma experiência do educador português José Pacheco, que mais se aproxima do ideal de escola que ele defende.

O ponto de partida do texto *A arte de ver* é o relato de uma de suas experiências como psicanalista, com uma de suas pacientes que pensou ter enlouquecido em virtude das impressões e imagens que lhe assaltaram a mente, quando preparando refeições, cortava cebola, tomates ou pimentões. A explicação que Rubem Alves lhe deu sobre o ato de ver as coisas foi que ela tinha ganhado olhos de poeta e leu para ela alguns versos de Pablo Neruda.

A partir daí, ele vai mostrando ao leitor a complexidade do ato de ver, que este vai além de ser mero ato físico, implica na necessidade de ser ensinado, para que a visão não seja mera ferramenta para ação prática, a qual mesmo sendo “necessária, é muito pobre” (Alves, 2005:24); ela precisa ser também instrumento de fruição, de prazer. Para isso o cronista aponta para os mestres naturais com quem podemos aprender a ver: os poetas e as crianças.

Dentro das potencialidades estéticas, poéticas do texto, ele amplia sua concepção, penetra a esfera do transcendente, quando tece a equivalência do ato de ver com a “epifania do sagrado”, mencionando a importância de ver para o zen-budismo e considerando poética a passagem do Novo Testamento em que Jesus ressuscitado apareceu aos apóstolos e eles não o reconheceram; só com o seu gesto de partir o pão “seus olhos se abriram” (ibid.: 23) e o reconheceram.

Sem referir-se à intertextualidade, transcreve versos de Vinicius de Moraes, do poema “Operário em construção”, destacando o gesto de partir o pão, o momento em que o operário toma consciência da importância do seu trabalho; assim como transcreve versos de Alberto Caeiro, do menino Jesus fugido do céu que lhe ensinou a arte de ver.

Conclui a sua crônica poeticamente, com uma imagem bem visual, defendendo o ponto de vista de que os professores podem ensinar a ver apontando “os assombros que crescem nos desvãos da banalidade do cotidiano” (Alves, 2005: 25). Esta seria a primeira

função da educação. Desse modo, podemos estabelecer a equivalência do ato de ver com o saber, o saber ampliando a nossa visão de mundo.

Das três crônicas selecionadas, “Sobre a morte e o morrer” é a mais subjetiva, a que mais revela o homem Rubem Alves, como ele se posiciona diante do tema que certamente mais preocupa os seres humanos. Ele começa reportando-se ao passado, ao medo que já teve da morte e do medo que tem de morrer. Isto porque morrer e morte são considerados duas coisas distintas. Morte implica em saudade, deixar a vida. Morrer relaciona-se com a incerteza da forma como e onde ocorrerá a morte. Com muito sofrimento? Afastado das pessoas que se ama e das paisagens queridas? “É possível planejar a morte como uma obra de arte?” (Alves, 2003:50) E ele idealiza sua forma boa de morrer: “anunciada, de forma mansa e sem dores, longe de hospitais, em meio a pessoas que se ama, em meio a visões de beleza” (ibid.: 50).

Tomando posição contrária a de se morrer em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI), isolado e ligado a aparelhos, ele se indaga: Qual o sentido de viver em meio a infinitas limitações que as condições físicas às vezes impõem aos seres humanos? Teria o médico o direito de libertar o seu paciente desse tipo de vida, praticando a eutanásia? Todas estas são indagações que ele faz e não encontra respostas. E continua se perguntando sobre o sentido da vida e quem a define: “O coração que continua a bater dentro de um corpo aparentemente morto? Ou serão os ziguezagues nos vídeos dos monitores que indicam a presença de ondas cerebrais?” (ibid.:51). Estas são situações reais com que se depara cotidianamente o ser humano, próximo à morte.

Rubem Alves vê a morte, nesses casos, como libertação do sofrimento. Em nenhum momento faz alusão ao que se segue após morte, como se, de fato, ela fosse o fim de tudo. Deixa clara a sua posição ético-ideológica na admiração pelos que praticam a eutanásia como solução para acabar com o sofrimento e considera melhor que fôssemos sábios para ‘permitir’ que a morte chegasse quando a vida desejasse ir (como se o nosso poder de criaturas humanas chegasse a tanto), mas entende que a medicina tem o dever ético de lutar até o fim para que vida continue.

Em tom de blague, diante de assunto tão sério sem solução, sugere uma nova especialidade médica: a *morienterapia* que cuidaria dos que estão morrendo. Esta especialidade teria como padroeira a *Pietà*, de Michelangelo. “Nos braços daquela mãe, o morrer deixa de causar medo” (ibid.: 52). Nesse final, o autor retoma o simbolismo cristão de Maria, mãe amorosa, que acolhe seus filhos, todos nós, na hora do sofrimento e da morte, sem apenas provocar a fantasia do leitor, apontando para uma situação que vai além do real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que foi apresentado, constatamos que, na simplicidade de sua linguagem, próxima do coloquial, Rubem Alves consegue trazer o leitor para junto de si e refletir sobre a realidade que está sendo por ele questionada. O lastro referencial de seus textos faz o leitor buscar o sentido da vida, ao mesmo tempo em que relacionando o eu ao mundo revela-se o autor psicanalista, mas, acima de tudo, uma pessoa que participa efetivamente do mundo, atento ao que há ao seu redor, um professor-escritor que mantém acesa a chama da esperança em mudanças na educação que valorizem os sonhos, enfatizem a criatividade. Desse modo, se a crônica é considerada pela crítica como um “gênero menor” não deixa de ser uma narrativa que pode, nos acontecimentos do dia-a-dia, revelar o que há de universal na existência.

Com suas crônicas, entremeadas de textos de autores que ele admira, acontece o que diz Roland Barthes (1992) os textos lidos se tornam escrevíveis; eles não estão ali inseridos como meros elementos de beleza e de erudição, mas eles vêm ampliar ou corroborar com as idéias do cronista.

BIBLIOGRAFIA

- SÁ, Jorge de (1985). *A crônica*. São Paulo: Ática.
- ALVES, Rubem (2001). *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas: Papirus.
- ALVES, Rubem (1999). “O homem deve reencontrar o paraíso”. In *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. São Paulo: Edições Loyola, 73-77.
- ALVES, Rubem (2003). “Entre a morte e morrer”. In *Na morada das palavras*. São Paulo: Papirus, 49-52.
- ALVES, Rubem. (2005). “A arte de ver”. In *Educação dos sentidos e mais...* Campinas: Verus Editora, 21-25.
- BARBOSA, Severino Antônio (2007). “Algumas palavras sobre Rubem Alves e sua poética”. *Revista de Ciências da Educação – Unisal – Americana/SP – Ano IX – 16, 15-29*
- BARTHES, Roland (1992). *S/Z*. Tradução Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CANDIDO, Antonio (1978-79). “A vida ao rés-do-chão”. In ANDRADE, Carlos Drummond [et al.] *Para gostar de ler: crônicas*. Ed. didática. São Paulo: Ática, 5-13.
- COUTINHO, Afrânio. (1971) “Ensaio e crônica”. In *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana. Vol. VI, 105-128.
- D’ONOFRIO, Salvatore. (1999) “Crônica”. In *Teoria do texto: prolegômenos e teoria da narrativa*. São Paulo: Ática. V. I, 123.

RESUMO

Rubem Alves não está inserido entre cronistas nos manuais da história da literatura brasileira, embora, há mais de quarenta anos venha publicando crônicas e tenha inúmeras obras publicadas. No espaço de jornais, nem sempre dos mais conhecidos do país, sabe deixar a marca poética em suas crônicas, por capturar a beleza do cotidiano e transmiti-las nessas páginas. Sem problematizar o fato de não estar incluído como cronista, no cânone literário brasileiro, nosso trabalho intenta mostrar como a crônica, considerada pela crítica um “gênero menor”, pode ser nas mãos desse escritor, no diálogo com o leitor, um momento de reflexão poética, de aprofundamento do sentimento da vida, da morte, de questões educacionais, transcendentais e sociais; enfim, um questionamento da existência.

ABSTRACT

Though Rubem Alves is not included among the columnists in textbooks about the history of Brazilian literature, he has been publishing chronicles for more than forty years and has published numerous works. In the space of newspapers, even if not always the most well known in the country, he knows how to leave a poetic imprint in his chronicles by capturing the beauty of everyday life and translating it into a few pages. While not addressing the fact that Rubem Alves has not been included as a columnist in the Brazilian literary canon, our paper aims to show how the chronicle, considered by critics as a “minor genre”, can become at this writer’s hands, owing to the dialogue he establishes with the reader, a moment of poetic reflection, a time for an in-depth analysis into the meaning of life and death and for the discussion of educational, social and transcendental issues; in short, an interrogation of existence.

